

Oficinas irritam moradores das 700 Norte

GERALDA FERNANDES

A convivência diária com o ronco dos motores, o barulho das buzinas e marteladas, o cheiro de tinta e de graxa, a sujeira do óleo que escorre pelas calçadas, dos molambos e pedaços de metal e borraça espalhados por todo canto estão interferindo no humor e bem-estar dos moradores das quadras 700 Norte. As mais de 300 oficinas não se limitam mais aos fundos do comércio com frente para a W/3, mas invadem calçadas, áreas verdes e pistas entre as residências rumo às quadras 900. Algumas delas funcionam em barracos, coberturas de lonas ou traillers sem nenhuma estrutura para a manutenção da higiene no local.

A inconveniente instalação das oficinas mecânicas em área projetada para comércio e residência é consenso entre a comunidade e oficineiros. A cada dia, aumentam os atritos entre os moradores mais próximos e donos ou empregados das oficinas. Há cerca de 15 dias, um morador de um prédio vizinho à Oficina do Tinho, na 702, chegou a disparar quatro tiros para o alto, irritado com a prorrogação do barulho além das 22h30. "Acho que ele tinha bebido um pouco, mas agora já está tudo bem", desconversou Niltinho, dono da oficina instalada por seu pai há 30 anos e que ainda funciona em um barraco, que serve também de residência para a família e funciona como cantina.

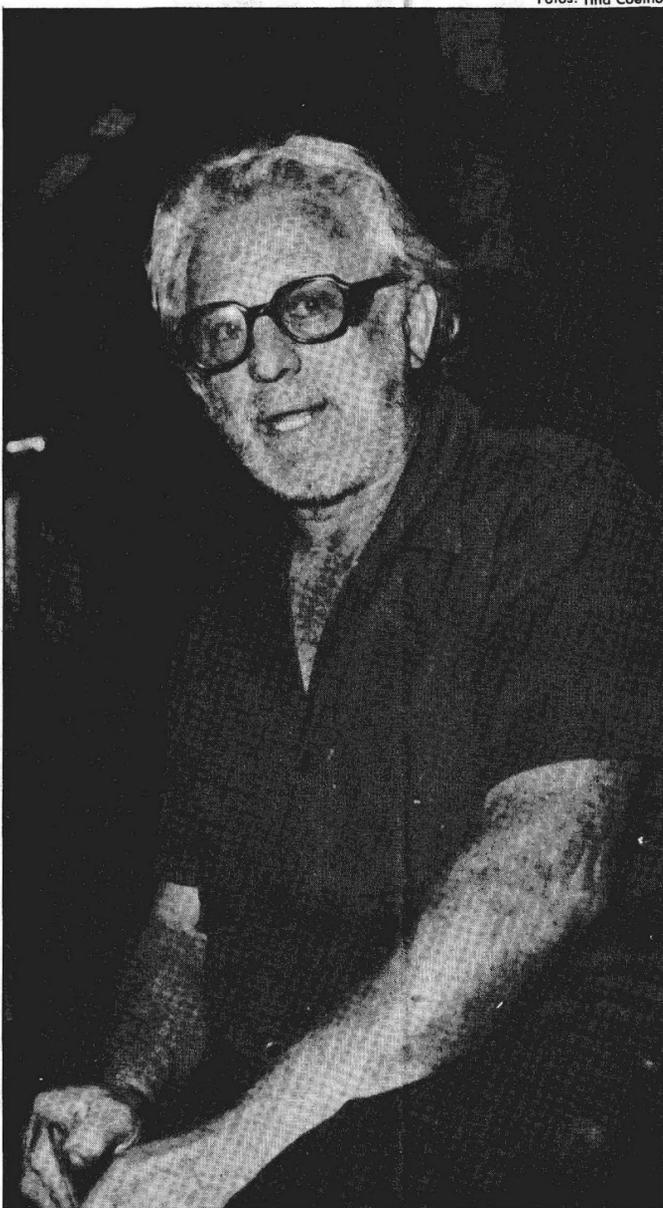
Discriminação — "Quando mudei para a Asa Norte — há 22 anos —, vim em busca de tranquilidade e pensava que ia ter tratamento igual ao dado aos moradores da Asa Sul. Mas estamos convivendo com o lixo, o barulho constante e respirando pó de fuligem", reclamou uma professora residente no conjunto "R" da quadra 705, que pediu para não ser identificada. Ela acrescentou que o problema vem se agravando ano a ano, cada dia surgindo mais barracos. "Alguns vizinhos já mudaram e as casas são desvalorizadas para aluguel ou venda em re-

lação às da Asa Sul, apesar de muitas serem maiores e melhores", contou.

Carlos F. S., residente em uma sobreloja na 708, argumentou que, além do desconforto com o barulho e os riscos de um incêndio, o filho de 3 anos frequentemente tem problemas respiratórios. "Acho que é por causa do pó que solta quando lixam os carros", disse, complementando que o cheiro da tinta provoca dor de cabeça e mal-estar. Os moradores são unânimes ao reclamar do estacionamento e da pintura dos carros sobre as calçadas ou ainda em cima do pouco que resta de gramado. Até uma praça criada a título de experiência entre as quadras 705/6 virou passagem para automóveis e estacionamento. "Não temos uma praça, nenhum clube de vizinhança", alegou a professora, em alusão às existentes na Asa Sul.

Desconforto — A falta de espaço para pedestres e a sujeira deixada em quase toda a extensão da parte superior da W/3 Norte são reconhecidas e comprovadas. Na tarde de quinta-feira, agentes da Delegacia de Costumes e Diversões Públicas (DCDP) acompanharam a reportagem do *Jornal de Brasília* para a medição do barulho provocado pelas atividades nas oficinas. A quatro metros de uma delas e durante o uso de uma lixadeira, o decibêmetro — aparelho para medir sons — registrou um índice de 87,7 decibéis. O barulho medido do portão da residência mais próxima, cerca de 10 metros, alcançou o índice de 71,6 decibéis, 20 pontos acima do estabelecido como nível de conforto em área residencial.

Os agentes, especializados na medição de sons, ainda alertaram para o fato de que na hora da medição, entre 15h12 e 15h20, havia pouco movimento de carros no local ou desempenho de alguma outra atividade sonora nas oficinas, fatores que elevam ainda mais os índices a níveis que, se não causam problemas de saúde, são considerados como de desconforto.



Marcelo, presidente da Associação, luta por um novo setor

Setor emprega dez mil pessoas

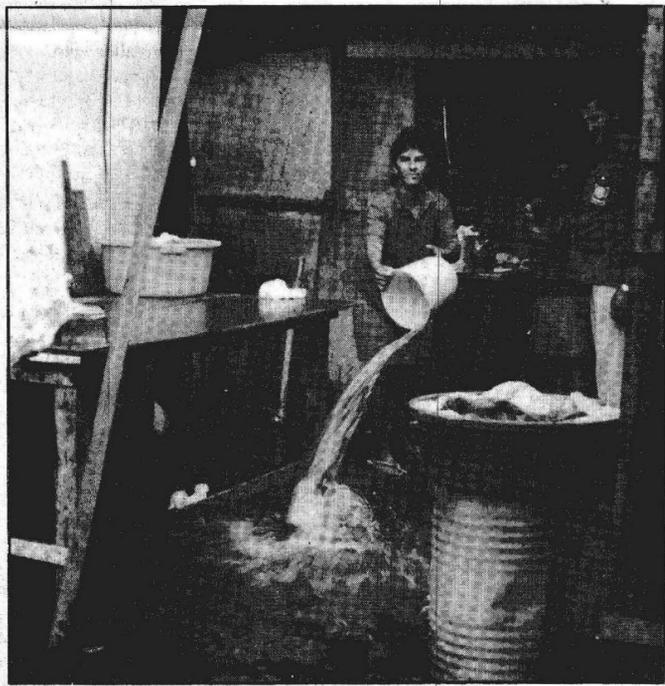
"O problema com as oficinas da Asa Norte é resultado de erro de projeto", afirma o administrador Regional de Brasília, Haroldo Meira, para quem o assunto deve ser analisado pelo aspecto da cidade como um todo. Segundo ele, o grande erro foi o de juntar comércio com residência. "Não convive", disse o administrador, lembrando a diferença entre as quadras 700 das asas Sul e Norte. Apesar das inconveniências verificadas no lado Norte, acrescentou, o setor oficineiro é um grande "sucesso" pelo emprego de mais de 10 mil pessoas diretamente e que "este lado da questão também será analisado quando da transferência das oficinas".

O que foi projetado para ser um comércio variado acabou se transformando em um "shopping do automóvel", segundo Haroldo Meira. Ele contou que a mudança no perfil da Asa Norte teve início com a instalação da concessionária Disbrave na 503 Norte, que atraiu inúmeras lojas de peças para automóveis que, por sua vez, serviram de chamariz para as oficinas mecânicas. E surgiram mais lojas e mais oficinas. Outros tipos de comércio mudaram de ramo. "A Asa Norte era considerada ruim para se morar. As pessoas que compraram lotes e construíram, ou montaram um comércio, ou alugaram o prédio",

disse o administrador.

Situação diferente — Haroldo Meira acrescentou que hoje a situação é diferente. "A área está recebendo urbanização, está se valorizando e as pessoas não conseguem mais pagar o aluguel, a preço médio de Cr\$ 2 milhões. Os oficineiros estão pagando 80 mil só para abrir a porta e não está faturando isso", disse. Segundo ele, a decisão de fechar o setor de uma hora para outra não pode ser. "São mais de 10 mil empregados e que têm família para sustentar", explicou. ele admitiu que a Administração recebe inúmeras reclamações dos moradores e que várias vezes teve de interferir pessoalmente nos conflitos entre a comunidade e os oficineiros.

O administrador informou que não há ainda definição de uma área para instalação do setor de oficinas da Asa Norte, mas que os lotes serão vendidos apenas aos que mostrarem capacidade para o pagamento, condições para construir. "Tem de mostrar condição de empresário, por pequeno que seja", argumentou. Todas as satélites possuem o setor para oficinas, complementou Haroldo Meira, afirmando que a Asa Norte também terá o seu. "Os oficineiros estão sendo expulsos pelo processo natural de valorização, uma evolução normal que acontece em qualquer área", justificou. (G.F.)



Sujeira e barulho tiram a paz e prejudicam a saúde dos moradores

Associação já cadastrou 256

A Associação dos Oficineiros da Asa Norte (Assonor) entrega na próxima sexta-feira ao administrador Regional de Brasília, Haroldo Meira, o cadastramento dos oficineiros instalados e em atividade no local. Até a última quarta-feira, 256 pessoas haviam se cadastrado, mas o presidente da Assonor, Marcelo Rodrigues dos Santos, acredita que o número chegará a 300. O documento servirá de base para estudos de escolha de um setor para a transferência das oficinas, envolvendo as secretarias de Obras e Serviços Públicos e de Indústria e Comércio, Terracap, além da Administração Regional e Associação.

"A pressão dos moradores é grande para a nossa retirada e o Plano Piloto está se modernizando, as lojas estão ficando sofisticadas. Além disso, é inconveniente a existência de oficinas em meio a residências e restaurantes, por exemplo", disse Marcelo. Acima do desconforto pela liberação do pó de massa plástica, lixa da ferragem, latas velhas, tintas, graxas e óleo que danificam o sistema de esgoto, o principal motivo de aceitar e querer urgência na mudança de local, para os oficineiros, é o alto valor do aluguel. "A inflação sobe, os aluguéis estão muito caros e o movimento caiu. Muitas pessoas estão entregando os prédios e se instalando em barracos", explicou.

do em barracos", explicou.

Segundo Marcelo, estão inicialmente em estudo uma área por trás das quadras 900, próximo à Câmara Legislativa e outra vizinha à Granja do Torto, na pista que segue para Sobradinho. O cadastramento para a aquisição dos lotes exige que os oficineiros estejam em atividade na Asa Norte, com alvará de funcionamento, contrato social e Cadastro Geral de contribuinte (CGC). Será necessário ainda que os interessados estejam em dia com os impostos perante o GDF e que não tenham sido beneficiados com lote em outra área. Terão prioridade os que estiverem instalados há mais tempo.

O presidente da Assonor alerta ainda que não haverá junção da associação com outras de outros setores. O pessoal da Asa Sul, do Núcleo Bandeirante, do Guará, de Taguatinga e de outros locais já conseguiram seus espaços e estamos acompanhando a chegada de oficineiros de outros lugares para tentar conseguir lote também na Asa Norte, mas isso não vai acontecer", alertou Marcelo. Ele acrescentou que a associação está fazendo uma vitória nas oficinas para comprovar os requisitos para o cadastramento. Os oficineiros, segundo ele, estão conscientes de que os lotes serão vendidos e não doados. (G.F.)

Graxa convive com arte na 708

O carpinteiro e mecânico José Perdiz conseguiu conciliar o trabalho da oficina com atividades artísticas e culturais, mas está sendo difícil a harmonia com os vizinhos. Instalada em um beco entre os blocos "C" e "D" da entrequadra 708/9 Norte, em área pública, a Oficina Perdiz recebe, durante o dia, máquinas como guinchos e betoneiras para consertar e, à noite, os visitantes são atores e músicos. Nem mesmo os espetáculos, apresentados nas noites de sábados e tardes e noites de domingo, fogem ao descontentamento dos moradores das sobrelojas dos prédios próximos. O telhado vive quebrado por causa de pedras e outros objetos atirados.

"Há muita incompreensão, mas é até razoável em termos de Brasil", analisou José Perdiz. Na entrada da oficina, um cartaz anuncia a peça Romeu e Julieta, encenada pelo grupo A Culpa é da Mãe. Nas paredes internas desenhos que em nenhum momento lembram uma oficina mecânica. No interior, um palco

móvel com cortinados se mistura a equipamentos para solda, lixamento e consertos de máquinas pesadas. Há um canto as arquibancadas semelhantes às de um circo. E muitas luzes e refletores. Com a previsão de transferência das oficinas para um local próprio, Perdiz está preocupado com o espaço da arte. "Se conseguir um espaço do governo, monto uma companhia de teatro", afirma.

A união de mecânica com a arte teve início em 1987, segundo conta Perdiz. O ator Ivan Marques, que fazia os serviços administrativos da oficina, pediu o espaço emprestado para promover uma festa para a namorada e a turma do curso de artes da Faculdade Dulcina. O espaço despertou o interesse de atores, diretores, professores e alunos que ali compareceram. A estréia como casa teatral aconteceu em 10 de fevereiro de 1989. Desde então, a casa contou com a apresentação de inúmeras peças e eventos musicais, inclusive com a participação de José Perdiz em uma ponta da peça "Bela Cia". (G.F.)